

WASHINGTON NOVAES

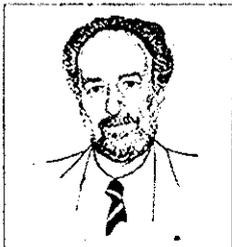
Novos impasses no clima

A pesar da proposta diversio-nista dos Esta-dos Unidos – re-pelida por quase todos os países (a Austrália é a exceção) –, o Protocolo de Kyoto para redu-ção de emissões que agravam o chamado efeito estufa será ratifi-cado pelo núme-ro suficiente de países para en-trar em vigor. É o que pensam os negociadores brasileiros. Mas que efeitos práticos isso terá?

Segundo o WWF, sem a redu-ção das emissões norte-americanas, na verdade cairá para 1,8% o compromisso assumido pelos países indus-trializados em Kyoto de bai-xar as emissões em 5,2% no seu conjunto sobre os níveis de 1990. Quase nada diante do que sugere o Painel Inter-governamental de Mudanças Climáticas: redução de 60%. “Mas a vida segue”, diz um desses negociadores. E, pensa ele, a dinâmica dos fatos, daqui por diante, poderá le-var a novas alterações no quadro – para melhor, inclu-sive.

Pode ser. Mas não será fá-cil. Os especialistas já mos-traram que a proposta do presidente George W. Bush, de reduzir as emissões de ga-ses do efeito estufa de 183 pa-ra 151 toneladas por US\$ 1 milhão do PIB norte-ameri-cano, na verdade significaria ampliar essas emissões, já que está previsto um cresci-mento de 30% no PIB em 10 anos. E de 1990 para cá os EUA já aumentaram entre 11% e 13% suas emissões. Agora, redução de 18%, au-mento de 30%, aumento lí-quido de mais 12%.

A argumentação do presi-dente Bush tem forte resso-nância interna nos EUA, já que, segundo ele, cumprir o compromisso de Kyoto impli-caria um custo de US\$ 480 bi-lhões em 10 anos e milhões de postos de trabalho cancelados. Mas não comove os de-mais países industrializados, temerosos das consequências das mudanças climáticas. Es-tas tiveram suas previsões agravadas há poucas sema-



Negociadores esperam que as condições internas levem os EUA a mudar sua posição

nas por um estu-do do Instituto de Tecnologias da Terra e Ciências Atmosféricas, dos EUA, se-gundo o qual a elevação do ní-vel dos oceanos poderá ser maior que a já prevista.

Mesmo o Bra-sil não escapa a essas previsões sombrias. Uma de nossas re-giões mais amea-çadas é a do Pan-tanal, segundo

estudo do WWF. Uns 70% de sua cobertura vegetal po-derão ser alterados. Outro es-tudo – de cientistas da Em-brapa, Unicamp e Instituto de Agronomia de Campinas – sugere que as mudanças climáticas poderão reduzir em até 24% a área adequada pa-ra o cultivo do café no Esta-do de São Paulo. Se a previ-são mais pessimista do IPCC se confirmar (aumento de 5,8 graus centígrados na tem-perature média do planeta neste século), o café tenderá a desaparecer do Estado.

Até aqui, infelizmente, os estudos do IPCC têm-se con-firmado. Que esperar, en-tão?

Embora a chamada Rio + 10, conferência mundial mar-cada para fim de agosto/co-meço de setembro na África do Sul, vá rever o que aconte-

ceu no mundo após a abertu-ra da convenção sobre mu-danças climáticas a assinatu-ras no Rio de Janeiro, em 1992, tecnicamente, em ter-mos diplomáticos, não é pre-visto que se altere ali qual-quer coisa. O mais provável é que se aprove uma exortação a que todos os países homolo-guem o Protocolo de Kyoto. E mesmo isso deverá enfren-tar a oposição norte-america-na nas duas reuniões prepa-ratórias finais, programadas para Monterrey e Jacarta.

A esperança confessa dos negociadores é que as condi-ções internas levem os EUA a mudar sua posição. O Sena-do norte-americano já prepa-ra algumas propostas bem mais radicais que as de Bush – embora este continue a ar-gumentar que a sua proposta levará a que os EUA (em-bora sem reduzir o porcentual) deixem de gerar 500 milhões de toneladas de poluentes até 2012, tanto quanto os de-mais países industrializados em seu conjunto. Além disso, a proposta de aumentar para US\$ 4,5 bilhões o orçamento para pesquisas científicas, in-centivos fiscais e novas tecnolo-gias (vento, biomassa, ener-gia solar doméstica e cogera-ção) na área seria capaz de produzir novos avanços. Além desses recursos, haveria US\$ 3 bilhões em créditos fiscais para veículos híbridos ou movidos a célula de com-bustível (capazes de reduzir emissões), mais US\$ 3 bi-

lhões para projetos de seqües-tro de carbono em florestas e na agricultura (já são quase 2 mil os projetos de mais de 200 empresas para seqües-trar o equivalente a 3,9% das emissões atuais dos EUA). Tudo isso poderia levar a avanços significativos.

A situação norte-america-na na área é complicada tam-bém por outros ângulos. Um deles é a estratégia – posta à mesa após os atentados de 11 de setembro último – de reduzir a dependência de pe-tróleo (cuja queima gera po-luentes) importado dos paí-ses árabes. Mas começam a desvanecer-se as esperanças depositadas pela administ-ração Bush na exploração de reservas em áreas do Alasca consideradas intocáveis pe-los ambientalistas, mas que – pensava-se – corresponde-riam a 30 anos de importa-ções da Arábia Saudita. No-vos estudos parecem mostrar que se contou muito cedo com os resultados, antes que se comprovassem os estudos geológicos iniciais. Retorna-se aí ao ponto zero.

Enquanto isso, seguem as negociações em torno do cha-mado Mecanismo de Desen-volvimento Limpo, pelo qual países industrializados pode-rão financiar em outras na-ções projetos que reduzam a emissão de poluentes e dedu-zir essa redução de suas emi-sões próprias. Na primeira reunião substantiva do comi-tê executivo do MDL, em ja-neiro último, na cidade de Bonn, avançou-se na defini-ção de regras para creden-ciar entidades capazes de avaliar os projetos, acompa-nhar sua execução e certifi-car a redução de emissões. Nesse encontro, o clima en-tre os negociadores até foi mais otimista, diante da veri-ficação de que muitas empre-sas poderão interessar-se pe-lo financiamento de projetos em outros países, mesmo po-dendo fazê-lo em seu territó-rio próprio ou em áreas de in-fluência, tendo em vista a ne-cessidade de “criar imagem positiva” em outros lugares.

De qualquer forma, prevê-se que o MDL entre em vigor já este ano, com a homologa-ção do Protocolo de Kyoto. Já é alguma coisa. Pouca, mas é.

